Opúsculos por Alexandre Herculano - Tomo 06

Alexandre Herculano

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Opúsculos por Alexandre Herculano - Tomo 06

Alexandre Herculano

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Nota de editor: Devido ‡ quantidade de erros tipogr·ficos existentes neste texto, foram tomadas v·rias decisıes quanto ‡ vers„o final. Em caso de d˙vida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrar· a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Dez. 2009)

OPUSCULOS

OPUSCULOS

POR

A. HERCULANO

SOCIO DE MERITO DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE LISBOA
SOCIO ESTRANGEIRO DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE BAVIERA
SOCIO CORRESPONDENTE
DA R. ACADEMIA DA HISTORIA DE MADRID
DO INSTITUTO DE FRAN«A (ACADEMIA DAS INSCRIP«’ES)
DA ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS DE TURIM
DA SOCIEDADE HISTORICA DE NOVA YORK, ETC.

TOMO VI

CONTROVERSIAS E ESTUDOS HISTORICOS

TOMO III

LISBOA
VIUVA BERTRAND & C.^a SUCCESSORES CARVALHO & C.^a
73, Chiado, 75

M DCCC LXXXIV

COIMBRA--IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

UMA VILLA-NOVA ANTIGA

1843

Se passardes pelos olhos uma carta topographica de Portugal, em cada provincia, em cada comarca, talvez em cada pequeno districto, achareis escripto, ao lado de alguns d'esses signaes que marcam as povoaÁıes, a palavra _Villa-nova_: Villa-nova de Rei, de S. Cruz, de Gaya, de Cerveira;... que sei eu?--Villas-novas de todos os sobrenomes, e atÈ villas-novas de ninguem e de nada; villas-novas espurias.

Villa-nova È o _dom_ municipal, o dom vill„o; porque, por extravagante antiphrase, villa-nova quasi sempre indica um antigo

burgo com suas rugas de velhice, com seu castello desmoronado, com seus vestigios de templo ou de palacio da meia-edade. Villa-nova moderna, sem pedras amarellas, tombadas, ogivaes, È cousa descommunal, milagrosa, e ao rÈz do impossivel. … que o passado, remoto, remotissimo, como o imaginardes, j· foi presente, e ent„o a villa que se alevantava ou no desvio, atÈ ahi inculto e intractavel, ou sobre os vestigios de povoaÁ„o deshabitada e destruida, era realmente _nova_; mas os seus edificadores esqueciam-se, ao dar o nome · obra das proprias m„os, que elles passariam bem depressa e com elles a mocidade da sua filha querida; esqueciam-se de que o correr dos annos brevemente havia de converter em palavra sem sentido essa denominaÁ„o que lhes parecÍra t„o clara e precisa. Aos primeiros respiros de paz e seguranÁa, depois das guerras barbaras de religi„o e de raÁa que devastaram outr'ora este solo portuguez, o espirito municipal ia semeando os concelhos ao passo que debaixo dos marcos das fronteiras christ„s se embebia o territorio mussulmano, e ent„o acontecia que o burgo, recentemente plantado em terra atÈ ahi erma e s·fara, ou sobre as ruinas carcomidas de municipio romano ou godo, sentindo-se cheio de vida e de esperanÁas, folgava de contar ao mundo no proprio nome a sua juventude, e tomava para si o titulo t„o querido, t„o popular, t„o casquilho--de Villa-nova.

E ·s vezes as villas-novas vinham encostar-se aos muros carrancudos e robustos das cidades reaes ou episcopaes. Eram como uma crianÁa rosada, risonha, travessa, que se atira ao collo da velha rebarbativa, e se lhe pendura ao pescoÁo, e desata a rir--a bom rir. Acontecia tambem que uma ou outra ia assentar-se · beira de um rio, defronte de povoaÁ„o orgulhosa, e similhante a trasgo inquieto zumbia-lhe

insolentemente aos ouvidos, e desangrava-a roubando-lhe o seu commercio: mettia-se atÈ em bandos politicos para lhe fazer perraria; e inimiga d'ao pÈ da porta n„o havia casta de incommodo que lhe n„o causasse. Que outra cousa fez Villa-nova de Gaya ao burgo episcopal do Porto, burgo t„o grave, t„o serio, t„o devotamente enroscado em volta da sua cathedral, aos pÈs dos seus sanctos bispos? Quem, sen„o Villa-nova de Gaya, assoprou provavelmente entre os honrados burguezes da cidade do Douro aquelle espirito de irmandade e revolta que tanto veio depois a incommodar os successores do veneravel D. Hugo?

Lisboa--guerreira e depois mercadora--tambem teve, n„o uma, mas duas villas-novas abraÁadas · sua cinta de muralhas: a primeira ao sul, a segunda ao poente. Chamava-se aquella Villa-nova de Gibraltar: esta Villa-nova d'Andrade. A segunda, nascida no seculo XV, viveu dois dias apenas, porque Lisboa, essa _villa_[1] limitada nos fins do seculo XII a 15:000 habitantes, em quanto a mourisca Silves contava 25:000, cresceu com tal rapidez na epocha dos descobrimentos que, rompendo ou, antes, galgando por cima dos lanÁos occidentaes dos seus muros, a devorou ainda no berÁo, ou para melhor dizer partiu-a em fragmentos, e aos seus membros despedaÁados chamou Bairro-alto, Chagas, Sancta Catharina. Villa nova d'Andrade foi uma cousa fugitiva, sem gloria, sem individualidade. D'ella poderia dizer-se o que o psalmista dizia do impio--´vi-a exaltada como o cedro do Libano: passei, e n„o existia; busquei-a, n„o lhe achei rasto.ª Deixemol-a, pois, na paz do esquecimento e do nada.

N„o assim Villa-nova de Gibraltar. Fallae-me de Villa-nova de Gibraltar! Esta sim, que viveu. A sua origem perde-se nas trevas dos

tempos chamados barbaros, entronca-se no berÁo da monarchia. Assentada · beira do Tejo, fÛra do lanÁo de sul e sueste da muralha arabe, ou talvez goda (quem poder· hoje dizel-o?!), que cercava Lisboa antes do seculo XIV, saudavam-na os primeiros raios do sol oriental, aqueciam-na todos os do alto dia, douravam-na os derradeiros que vinham do poente roÁando pela superficie das aguas. A cidade l· estava sombria entre as torres e altos muros da sua cerca; agachada nas faldas do seu castello soberb„o e malcreado; prostrada em volta da sua cathedral ampla e triste. Mas que importava isso a Villa-nova de Gibraltar? Ahi n„o havia nem muros, nem torres, nem castellos, nem campanarios. Ella mirava-se no rio, e achava-se bella; bella por si e pelo luxo dos seus atavios; porque Villa-nova de Gibraltar era a atravessadora de quasi toda a mercancia; a patria dos rendeiros e _sacadores_ das rendas e direitos reaes: era rica e potente; e ao sobrecenho altivo da velha Lisboa, confiada na sua epiderme de marmore, respondia ella mostrando a sua armadura d'ouro, e depois punha-se a rir, porque bem sabia j·, como nÛs hoje sabemos, que o ouro È mais forte que o marmore.

D. Fernando I, que foi para com Lisboa como um amante selvagem, ora querendo aniquilal-a porque lhe preferia em amores o alfaiate Fern„o Vasques, ora lanÁando-lhe no regaÁo riquezas, privilegios, tudo, quiz n'um accesso de ciume escondel-a aos olhos d'estranhos. J· ella, a namoradeira, sahindo da Porta do Ferro, pelo terreiro da cathedral, corrÍra para o valle de Valverde e se reclin·ra por ahi abaixo indo espreitar a barra c· da margem do rio; j· comeÁava atÈ a galgar pela encosta fronteira para o lado do gothico mosteiro de S. Francisco e para a ermida dos Martyres, e pela Pedreira do Almirante para o convento dos sanctos frades da RedempÁ„o. ´Alto l·!ª disse o

bom do rei D. Fernando, e, chamando os villıes sujeitos · ad˙a por todas as villas e logares d'arredor, lanÁou · cintura da doudinha uma nova faixa de muros, para que n„o passasse alem. Ficou-se, È verdade, espairecendo Lisboa pelo valle e pela encosta, mas ao menos, atraz das novas torres e quadrellas, j· n„o podia fazer gatimanhos de presumida aos que vinham visitar em som de paz ou de guerra os campos das suas cercanias, ou as aguas da sua enseada.

E que era nesse tempo feito de Villa-nova de Gibraltar? L· estava senhoril e desdenhosa, · beira do Tejo, indifferente aos arrufos de Lisboa e aos ciumes de D. Fernando. Pacifica e fiel n„o se entremettia em negocios alheios, n„o tumultuava, n„o se namorava d'estranhos. Assim a muralha real que bojava para poente, passou pÈ ante pÈ por entre ella e a cathedral para n„o a affligir: encorporou-se ahi com os antigos muros para a deixar, como atÈ ent„o, exposta · sua t„o querida restea de sol. Novas portas, todavia, a uniram com a antiga cidade, que t„o rapidamente crescÍra e se fizera garrida. Foi por ahi que lenta e traiÁoeiramente Lisboa pÙde chegar a submettel-a e devoral-a.

E quereis saber por qual raz„o, e como? Dir-vol-o-hei. Era que na fronte de Villa-nova de Gibraltar, abaixo do seu diadema rutilante de princeza, estava escripta uma lenda fatal e maldicta; uma lenda que por muito tempo foi apenas ignominiosa; mas que nos fins do seculo XV se converteu em sentenÁa de morte, em signal estampado pela m„o do archanjo do exterminio. Esta lenda encerrava apenas duas palavras, mas palavras blasphemas, que sÛ podiam ser apagadas destruindo-se a existencia individual da povoaÁ„o que se atrevia a apresental-as deante da luz do cÈu.

Villa-nova de Gibraltar era a _Communa dos Judeus_!

A edade-media, essa epocha altamente poetica, porque tinha crenÁas, e profundamente symbolica, porque era poetica, havia feito de Lisboa um symbolo da historia religiosa e politica. O municipio christ„o, partindo do alto alcaÁar ou castello, dilatava-se atÈ ·s raizes do monte, em cujo topo campeava, a cavalleiro de todos os cabeÁos dos arredores, a torre de menagem--a guarida do alcaide-mÛr--como representante do senhorio real e da aristocracia: · sombra do alcaÁar, e a mais de meia encosta, a cathedral alÁava os seus dois campanarios altivos, quadrangulares, massiÁos: entre essas duas expressıes materiaes da monarchia, da nobreza, e da egreja, a casa da camara--os paÁos plebeus do concelho, proximos do campanario septentrional da sÈ, ch„os e humildes--representava o povo que em silencio se preparava para ir estender os braÁos endurecidos pelo trabalho, e subjugar algum dia, · direita o alcaÁar, · esquerda a egreja. Na configuraÁ„o da cidade resumia-se a historia social do passado e a prophecia do futuro. Como tantas cousas da edade-media, Lisboa era um verdadeiro symbolo.

N„o o era sÛ, todavia, do pensamento politico: tambem o era da idÍa religiosa. No amago da povoaÁ„o, no logar eminente, estava o christianismo; ao norte, em profundo valle e apinhado em volta de mesquita apenas tolerada, ficava o bairro dos mouros, a _Mouraria_; e ao sueste, quasi ao oriente, lanÁada ao pÈ da _Esnoga_, a _Judearia_:--uma crenÁa verdadeira, mas temporaria, do lado donde o sol surgia na sua ascens„o para as alturas; a religi„o do Christo, complemento divino d'aquella, assoberbando-a do monte sobranceiro; o islamismo, transformaÁ„o impia e tenebrosa d'ambas, como escondido ao norte na penumbra da cruz triumphante; e ao longe as

vastas solidıes do oceano, atravez das quaes os filhos do evangelho o deviam levar algum dia ·s regiıes ainda incognitas de novos mundos. O velho Portugal tinha feito da cidade do Tejo um symbolo e uma prophecia sublimes!

A monarchia, vencedora da edade-media, esqueceu a poesia d'ella; porque nos seus velhos habitos de organisar, de legislar, de livellar, perdÍra inteiramente o senso esthetico. A poesia estava principalmente nas idÍas, no sentir, nas formulas das classes aristocraticas: o povo era infeliz e selvagem, e a monarchia positiva, calculadora, e egoista. Com a victoria final d'esta desappareceu tudo o que representava o ideal. Belem È a agonia da arte; È o estrebuchar descomposto da architectura christan que morria; e o cancioneiro de Resende o ultimo concerto dos trovadores em que j· se misturam os sons discordes da poesia romana.

Neste crepusculo da vida nacional, nesta passagem da originalidade para a copia, as ruinas tombavam sobre outras ruinas: a nova sociedade sobrepunha as suas obras incertas, frias, ou estupidas, aos restos ainda palpitantes do cadaver do passado; cirzia-as ridiculamente com remendos e fragmentos das obras e factos que destruira; fazia, emfim, por um pensamento de ordem e de organisaÁ„o exaggerado, o que nÛs muitas vezes fazemos hoje por um amor de liberdade indiscreto e excessivo.

… curioso o vÍr como a edificaÁ„o do celebre mosteiro Jeronimitano de Belem se liga com a destruiÁ„o da communa judaica de Villa-nova de Gibraltar; como esse monumento de transiÁ„o da architectura, esse cahos de todos os systemas que luctavam no principio do XVI seculo, reunidos, e por assim dizer petrificados de

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com